

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-TEOLÓGICA¹

Prof^o Dr. Everton Nery Carneiro²

INTRODUÇÃO

Analisando as informações disponíveis a respeito das condições de existência dos seres humanos desde as sociedades mais primitivas até a contemporaneidade é possível verificar como estas concebem e se relacionam com as pessoas com deficiência, sendo estas definidas como: “Toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano” (Decreto N^o 3298, de 20 de dezembro de 1999). Na primeira parte trabalhamos as sociedades primitivas e a antiguidade. Na segunda parte abordamos a modernidade e na terceira parte a contemporaneidade. Tudo isso visitado numa perspectiva histórico-teológica.

1. SOCIEDADES PRIMITIVAS E ANTIGUIDADE

Entre as características das sociedades primitivas percebe-se o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas e a vida nômade, tendo suas condições de existência totalmente dependentes do que a natureza lhes proporcionava, ou seja, a coleta de frutos, a caça e a pesca, no que se refere à alimentação, e as cavernas no tocante à acolhida.

Neste período histórico, devido ao caráter cíclico da natureza, totalmente fora do controle dos seres humanos, os deslocamentos do grupo eram constantes, sem que o mesmo pudesse auxiliar aqueles que não se encontrassem em condições de acompanhar o seu ritmo. “(...) em função desta prática, abandonavam aqueles que não pudessem mover-se com agilidade, ou que tivessem alguma diferença que impedisse sua mudança de um lugar para outro com rapidez” (BIANCHETTI, 1998, p.27). Dentre estes abandonados, encontravam-se pessoas com deficiência. Este procedimento não resultava de um sentimento de ódio ou

¹ Texto apresentado originalmente nos Anais do XVI Congresso de História da Educação do Ceará. Corpo; Religião; Educação (Linha História e Educação Comparada/PPGE-FACED/UFC). CAVALCANTE, MARIA JURACI MAIA. LUSTOSA, FRANCISCA GENY. HOLANDA, PATRÍCIA HELENA DE CARVALHO. (ORGANIZADORAS). FORTALEZA-CE: UFC, 2017. ISSN: 2237-2229.

² Universidade do Estado da Bahia – ecarneiro @uneb.br



desprezo, mas decorria do processo de seleção natural³ a que a humanidade ainda se encontrava submetida.

Nas sociedades escravistas, grega e romana, verificou-se a supervalorização do corpo perfeito, da beleza e da força física, pois estas dedicavam-se predominantemente à guerra, que tinha a finalidade de conquistar escravos e manter a ordem vigente. Nessas sociedades, amparados em leis e em costumes, se uma criança apresentasse, ao nascer, alguma deficiência que viesse a se contrapor de alguma forma ao ideal proposto, era eliminada ou abandonada sem que isso fosse considerado crime.

Na antiguidade clássica, em particular, Atenas, Platão que viveu entre 428-348 a.C., ao buscar descrever sobre como deveria ser uma república perfeita, afirma: "... e no que concerne aos que receberam corpo mal organizado, deixa-os morrer (...). Quanto às crianças doentes e as que sofrerem qualquer deformidade, serão levadas, como convém, a paradeiro desconhecido e secreto". (PLATÃO *apud* SILVA, 1986, p.124)

Apesar disso, é possível defrontar-se com Homero, “que segundo relatos baseados na tradição e em diversos escritores antigos” (SILVA, 1986. p.91), era cego. Segundo Cícero:

Homero era cego, segundo a tradição. Seus poemas são verdadeiros quadros: que lugares, que praias, que paragens da Grécia, que tipos de combates, que estratégias de batalhas, que manobras navais, que movimentos de homens e animais são tão fielmente retratados pelo autor, que parece nos colocar sob os olhos, o que ele mesmo não havia nunca visto! O que é, então, que faltou a esse grande gênio não mais do que a outros homens verdadeiramente sábios, para aproveitar todos os prazeres de que a alma é capaz? (CÍCERO *apud* SILVA, 1986. p.104)

Na descrição de Cícero, Homero⁴ enxergava além, fazendo descrições que fazem qualquer um perceber com detalhes aquilo que estava vendo, apesar de não enxergar. Ter essa compreensão provoca uma série de questionamentos, como faz a Rede Ecumênica em Defesa das Pessoas com Deficiência:

³ **Nota do autor:** Muitos autores possuem opiniões diversas sobre a seleção natural, ainda que, a seleção natural exerceu uma influência na evolução do homem arcaico e na formação dos grupos sociais. A humanidade, no início da sua história, se encontrava nas fases primitivas do progresso social e sua cultura era bastante rudimentar, nessas condições as sociedades humanas eram influenciadas pela seleção natural, mesmo sabendo/entendendo que a seleção não era um fator principal e sim secundário da evolução.

⁴“Escreveu os belos poemas de *Ilíada* e *Odisséia*. Em *Ilíada* Homero criou o personagem de Hefesto, o ferreiro divino. Seguindo os parâmetros da mitologia, Hefesto ao nascer é rejeitado pela mãe Hera por ter uma das pernas atrofiadas. Zeus em sua ira o atira fora do Olimpo. Em Lemnos, na Terra entre os homens, Hefesto compensou sua deficiência física e mostrou suas altas habilidades em metalurgia e artes manuais, tendo inclusive casado com Afrodite.” Disponível em <http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php> Acessado em 18 de setembro de 2011.



A deficiência é realmente algo que, de fato, mostra a fraqueza da vida humana? É esta uma interpretação limitadora e opressiva? Não seria melhor adotar uma interpretação diferente e mais radical? A deficiência é realmente algo limitador? Enfatizar a deficiência como sendo uma perda é adequado, apesar de ser um estágio de uma jornada assumida pelas próprias pessoas com deficiência? A linguagem da diversidade não seria mais adequada? Viver com uma deficiência é viver com habilidades e limitações que outras pessoas não possuem? Todos os seres humanos vivem com limitações. Não seria a deficiência algo que Deus mesmo criou a fim de construir um mundo mais diversificado, plural e rico? Não seria a deficiência um presente de Deus ao invés de uma condição limitadora que algumas pessoas precisam suportar? (Rede Ecumênica em defesa das Pessoas com Deficiência, 2005, p.13)

Além de Homero, autor da *Odisseia*, no mundo antigo é possível perceber Moisés como pessoa com deficiência, ele que segundo a tradição é o autor do *Êxodo*. Em *Êxodo* o autor bíblico assim escreve:

Então, disse Moisés ao Senhor: ah! Senhor! Eu não sou homem eloquente, nem de ontem, nem de anteontem, nem ainda desde que tens falado ao teu servo; porque sou pesado de boca e pesado de língua.⁵

“Pesado de boca e pesado de língua”⁶ são duas coisas distintas e é possível que Moisés seja gago e com uma péssima dicção ou até mesmo “fuem”, ou seja, uma pessoa com deficiência. As condições estão dadas e Deus responde a Moisés:

Porém o Senhor lhe disse: - Quem dá a boca ao ser humano? Quem faz com que ele seja surdo ou mudo? Quem dá a vista ou faz com que ele fique cego? Sou eu, Deus, o Senhor. Agora vá, pois eu o ajudarei a falar e lhe direi o que deve dizer.⁷

Decididamente, o cego, o mudo, o pesado de boca e de língua, enfim, as pessoas com deficiência são parte da criação de Deus em toda sua diversidade. No que se refere a Moisés, Deus o manda tirar os israelitas do Egito, baseado na capacidade de Deus, pois:

Talvez tenha sido por esta razão que Deus escolheu alguém com dificuldade para falar, pois isso impediria Moisés de confiar demasiadamente em si mesmo em vez de depender de Deus. O propósito de Deus é fazer com que, através do seu conhecimento, tenhamos uma visão diferente de nós mesmos, de nossas capacidades e de nossos pontos fracos. Quando atingimos a maturidade, somos capazes de identificar nossos pontos fracos, e a tendência é fugir deles. Como reagir a um chamado que evidencia nossas fraquezas?

⁵ **Bíblia Sagrada**. Revisada Almeida. São Paulo, 1995. *Êxodo* 4.10.

⁶ **Nota do autor**: A NTLH, em lugar de “pesado de boca e pesado de língua” coloca “... nunca tive facilidade para falar...” **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005.

⁷ **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. *Êxodo* 4.11-12.



(WONDRACEK, 2006, p.15)

Pode-se fazer uma leitura da deficiência como algo que demonstra a fraqueza humana, não numa perspectiva limitadora ou opressiva, mas sim num olhar da fragilidade, da finitude e da própria humanidade do ser humano. Esta é uma interpretação diferente e radical, onde esse radical significa estar vinculado às suas raízes, ou seja, às raízes do Cristo de Deus e estas como sendo criadoras não criam a deficiência como algo limitador e sim como parte da experiência da pluralidade e diversidade da criação e presença de Deus, pois ao se viver com deficiências vive-se a plenitude da vida nas habilidades e limitações que outros seres humanos não possuem ou possuem de outras formas, entendendo que todos os seres humanos vivem com algum tipo de limitação ou e com habilidades diferenciadas. Fazer todo esse entendimento é compreender a riqueza da criação e a expressão da benção de Deus em lugar do estabelecimento de limitações, pecado ou maldição.

Algumas pessoas com deficiência, que sobreviviam no modo de produção escravista e que não eram escravos nem amos, acabavam vivendo sob a proteção de um poderoso. Isto passou a ocorrer, principalmente, na Roma dos Césares, em tempos mais sofisticados, onde "deficientes mentais, em geral tratados como 'bobos', eram mantidos nas vilas ou nas propriedades das abastadas famílias patricias, como protegidos do pater famílias". (SILVA, 1986, p.130)

Na antiguidade, em alguns lugares onde ocorria grande concentração humana, pessoas com deficiência passaram a ser utilizadas para mendigar ou simplesmente serem reificadas, tornando-se parte de espetáculos circenses. Quando estas, em razão de sua não-normalidade, começaram a ser utilizadas economicamente como pedintes ou enquanto seres bizarros em espetáculos, neste momento elas passaram a ter algum valor mercantil. Este acontecimento pode ser observado nas palavras de Durant, o qual afirma que "existia em Roma um mercado especial para compra e venda de homens sem pernas ou braços, de três olhos, gigantes, anões, hermafroditas". (DURANT apud SILVA, 1986, p.130)

A vinculação entre deficiência e forças demoníacas ou maus espíritos, que se encontra presente nos principais pensamentos teológicos ocidentais, teve origem na prática das comunidades primitivas, o que se pode constatar ao analisar alguns povos que viveram e ainda vivem neste modelo de sociedade.

No que se refere ao cristianismo, pensamento teológico predominante no ocidente,



existem textos bíblicos em que aparecem pessoas com deficiência sendo curadas⁸ por Jesus. Existem nos Evangelhos, aproximadamente 40 narrativas de milagres de Jesus. Dessas narrativas, pelo menos 21 são relacionadas a pessoas com deficiência.

2. MODERNIDADE E ...

O modelo baseado no misticismo e carregado de preconceito começa a ser contestado a partir de alguns acontecimentos que passaram a ocorrer ainda no final da Idade Média. As descobertas geográficas do final da primeira metade do segundo milênio contribuíram para que nos séculos XVI e XVII ocorresse um gradativo aumento do mercado por produtos manufaturados, a possibilidade de maior acumulação de capitais e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, ampliando as condições do ser humano na luta para dominar a natureza. Isso permitiu a ele figurar como ator principal, questionando o teocentrismo e inaugurando o antropocentrismo.

Esse período de grandes transformações, que representaram o fim do feudalismo e o surgimento do modo de produção capitalista, fez com que, aos poucos, os tradicionais costumes medievais fossem perdendo força e, em seu lugar, nascesse a cultura da sociedade moderna. Para tanto, os novos donos do poder foram retirando de cena a nobreza e o clero.

Ao iniciar-se o século XV a Europa sentia falta de dinheiro, de capital. No entanto, as pessoas não sabiam bem de que precisavam para ser ricas. Terras ou dinheiro? Quem possuía terras sentia falta de dinheiro, mas quem possuía dinheiro não tinha o prestígio dos donos de terra. Tal situação tinha uma razão de ser. Iniciava-se um período de transição. Era a Época Moderna que se anunciava no Mundo Ocidental. Todo o período compreendido entre os séculos XV e XVIII, vulgarmente chamado de Idade Moderna, caracterizou-se por uma série de transformações na estrutura da sociedade européia ocidental. (AQUINO, 1987, p.13)

Foi nesse contexto que algumas pessoas com outro tipo de relação com a realidade de seu tempo começaram a questionar a forma pela qual os seres humanos eram obrigados a agir e pensar. Dentre estes questionamentos encontravam-se alguns dogmas da igreja católica, que condenavam o acúmulo de riqueza e era empecilho para o desenvolvimento do novo modo de produção. Esse movimento, que ficou conhecido como Reforma, não entrava em contradição

⁸ **Nota do autor:** Entendemos que cura é cuidado, sendo uma via de duas mãos, ou seja, é algo que se constrói em comum, sobre uma base mínima de identificação onde as condições de possibilidade de emergência de uma outra configuração depende do olhar do outro e de uma escuta que agencia o desejo no processo de cura e de afirmação da vida.



com o objetivo final da ação dos industriais, dos banqueiros e dos comerciantes, ou seja, o lucro, já que introduziu novos preceitos religiosos distintos daqueles predominantes na sociedade feudal, que era dominada pelos guerreiros e sacerdotes, onde o homem era ensinado a viver despreocupado das questões mundanas e a se dedicar às atividades que pudessem ajudá-lo na salvação. (WEBER, 1967)

A cobiça era condenada pela Igreja. Mas a Igreja representava o velho (...) e agora (...), nesses novos tempos (...) a cobiça era a mola-mestra do comércio que se desenvolvia. Quem estava tomando daquele mal tinha necessariamente possibilidades de ser rico. E os nobres e burgueses endinheirados faziam construir santuários privados em que se rogava especialmente pelos mortos da própria família. (DELUMEAL apud AQUINO, 1987, p.87)

É bom lembrar que o ensinamento proposto aqui, ao contrário da doutrina católica que condenava, na teoria, o acúmulo de riqueza, afirmavam que o homem rico era um bem-aventurado, pois "... podeis trabalhar para serdes ricos para Deus, embora não para a carne e o pecado. (HUBERMAN, 1987, p.179-180)

Essa concepção também pode ser encontrada nas palavras de Wesley, que afirmava: "não devemos impedir as pessoas de serem diligentes e frugais; devemos estimular todos os cristãos a ganhar tudo o que puderem, e a economizar tudo o que puderem; ou seja, na realidade, a enriquecer". (HUBERMAN, 1981, p.180)

Buscando demonstrar que a teologia cristã dos reformadores estava em conformidade com a nascente ordem social, destaca-se Calvino, que procurando dissociar o lucro do capitalista e o pecado, formulou as seguintes questões: "por que razão a renda com os negócios não deve ser maior do que a renda com a propriedade da terra? De onde vêm os lucros do comerciante, senão de sua diligência e indústria?". (HUBERMAN, 1981, p.180)

As mudanças propostas pelos reformadores não ocorreram em todas as direções, em alguns casos, os mesmos propuseram a adoção de velhos procedimentos. Neste sentido, Lutero, ao expressar seu pensamento e sua opinião sobre o modo de se proceder em relação às pessoas com deficiência, revela seu profundo desprezo por aqueles que pertenciam a este segmento da sociedade, tendo inclusive encontrado oposição naquele momento, pois:

No Século XV o Príncipe de Anhalt, na Alemanha saxônica, desafiou publicamente o reformador religioso Martinho Lutero, não cumprindo sua ordem de afogar crianças com deficiência mental. Lutero afirmava que estas pessoas não possuíam natureza humana e eram usadas por maus espíritos,



bruxas, fadas e duendes. (http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php
<Acessado em 18 de setembro de 2011)

Percebe-se aqui um choque entre a ética de Lutero e a ética de Jesus, pois enquanto a primeira é contextual a última é universal, como diz Dreher: "... podemos compreender que a ética de Lutero não é válida para todos os tempos, mas é ética de sobrevivência em tempo difícil. É ética no contexto do caos e do perigo, não é lei, mas adaptação à necessidade da época." (DREHER, 1996, p.52)

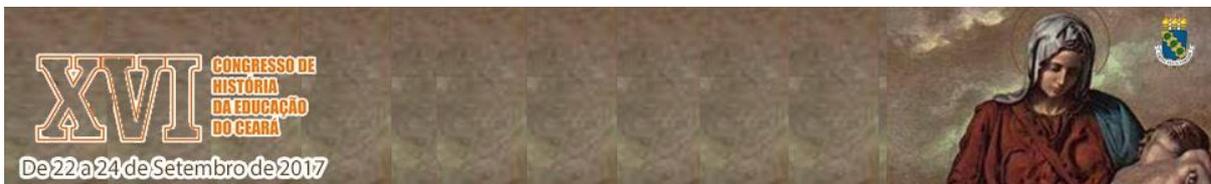
O progresso científico, impulsionador e impulsionado pelo desenvolvimento econômico, político, social e cultural, verificado na sociedade moderna, começou a refletir na forma de se ver, compreender e tratar as pessoas com deficiência. Neste contexto:

Torna-se relevante desmistificar a idéia de que as pessoas deficientes têm outros sentidos super-desenvolvidos, pois seus órgãos são biologicamente como os das demais, diferenciam-se apenas funcionalmente. Isto porque outro órgão acaba sendo melhor estimulado, a fim de compensar a limitação do órgão afetado. Qualquer pessoa pode aprender o Braille, assim como a Libras . (VIGOTSKI, 1997, p.76)

A despeito desse equívoco, com este enfoque, "... foi posta a ciência, no lugar do preconceito, a experiência e o estudo" (VIGOTSKI, 1997, p.76). Trata-se da entrada em cena do modelo biológico, o qual forneceu os primeiros pressupostos científicos para a educação das pessoas com deficiência.

Com o capitalismo, as relações humanas passaram a ser organizadas em função de um processo produtivo voltado para a acumulação de lucros. Nesse modelo, aqueles que não se ajustam à lógica do sistema de exploração, passam a ser considerados como perturbadores da ordem social. Dentre estes, encontram-se as pessoas com deficiência, as quais, juntamente com outros "divergentes", passaram a ser internadas em asilos, manicômios, hospícios etc. "O que ocorreu, na verdade, foi o isolamento daqueles que interferiam e atrapalhavam o desenvolvimento da nova forma de organização social, baseada na homogeneização e na racionalização". (SILVEIRA BIENO, 1993, p.63)

Progressivamente, os pressupostos científicos para a educação das pessoas com deficiência, passam a ser estendidos àqueles que pertenciam às camadas populares. Foi com base nesses pressupostos que foram organizadas na França, na segunda metade do século XVIII, as primeiras instituições voltadas para a educação de cegos, onde em 1780 foi criado o "*Hospice des Quinze-Vingts*". Esta organização inicialmente dependia do Ministério do



Interior, mas funciona atualmente mantendo-se com recursos próprios (SILVA, 1986, p.255). Neste trilho, percebe-se, no que se refere ao surgimento das primeiras instituições especializadas na educação de pessoas com deficiência, que quase sempre elas são o resultado do esforço da moderna sociedade em oferecer educação escolar a este segmento.

Se o surgimento das primeiras instituições escolares especializadas correspondeu ao ideal liberal de extensão das oportunidades educacionais para todos, (...) respondeu também ao processo de exclusão do meio social daqueles que podiam interferir na ordem necessária ao desenvolvimento da nova forma de organização social. (SILVEIRA BUENO, 1993, p.64)

Isso passou a ocorrer na medida em que essas instituições foram rapidamente perdendo o seu caráter educativo e se transformando em espaço de isolamento e exploração daquelas pessoas com deficiência pertencentes às classes exploradas, pois estes eram obrigados à internação e ao "(...) trabalho forçado, manual e tedioso, parcamente remunerado...". (SILVEIRA BUENO, 1993, p.69)

3. DO SÉCULO XX ATÉ ...

Por volta de meados do século XX o paradigma da institucionalização passou a ser criticamente estudado e denunciado como sendo uma prática que violava os direitos dos seres humanos. Esta crítica estava inscrita dentro de um contexto marcado pelo crescimento da luta pelos direitos humanos das minorias sociais. Isto levou ao estabelecimento do modelo da integração. Este modelo está embasado na oferta de serviços, buscando normalizar⁹ as pessoas com deficiência. Em sintonia com este modelo, o principal problema para a inserção social da pessoa com deficiência é a...

... necessidade de modificar a pessoa com necessidades educacionais especiais, de forma que esta pudesse vir a se assemelhar, o mais possível, aos demais cidadãos, para então poder ser inserida, integrada, ao convívio em sociedade. (BRASIL, 2000, p.16)

Os serviços para tentar “normalizar” cegos, surdos e outras pessoas com deficiência, seja física ou mental, se efetivou nas escolas especiais, nas entidades assistenciais e nos centros de reabilitação. Este paradigma logo começou a receber críticas, tanto de setores acadêmicos quanto dessas próprias pessoas, agora já organizadas em associações e outros

⁹ “O que faz com que um comportamento seja normal tem muito a ver com pautas sociais e culturais cuja introversão determina o comportamento das pessoas. Assim, o conceito de ‘normalidade’, do ponto de vista estatístico, passa a ter um *status* sociológico que define o que é normal de acordo com o que a sociedade espera que os indivíduos realizem.” (SANTOS, 2008. p.27)



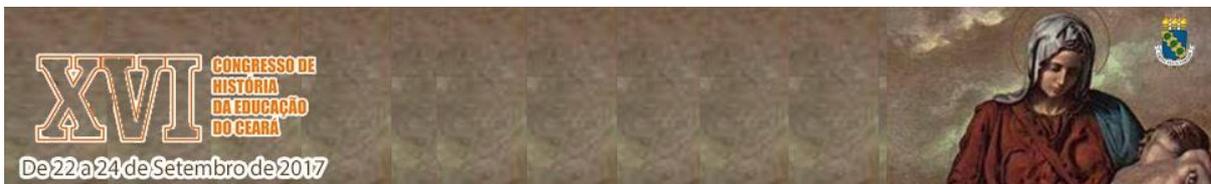
órgãos de representação. Essas críticas assentam-se no pressuposto de que: "Diferenças, na realidade, não se 'apagam', mas sim, são administradas na convivência social."(BRASIL, 2000, p.17). Como resultado destas críticas vem sendo gestado, na atualidade, o paradigma da inclusão, sendo que "a inclusão das pessoas com deficiência na igreja é um testemunho do amor de Deus." (Rede Ecumênica em Defesa da Pessoas com Deficiência, 2005, p.29)

Para este modelo, não é a pessoa que deve se ajustar ao meio social, mas é a sociedade que deve garantir os suportes necessários para que todos possam usufruir da vida em comunidade. Na proposta de inclusão, não se nega que as pessoas com deficiência necessitam de serviços especializados, oferecidos no âmbito de suas comunidades, mas é necessário compreender que estas não são "(...) as únicas providências necessárias caso a sociedade deseje manter com essa parcela de seus constituintes uma relação de respeito, de honestidade e de justiça". (BRASIL, 2000, p.18)

Na atualidade, começam a ganhar espaço novos entendimentos a respeito da relação entre pessoas com deficiência, aprendizado e desenvolvimento. Uma das principais contribuições neste sentido tem sido oferecida pela Rede Ecumênica em Defesa das Pessoas com Deficiência que afirma:

Provavelmente nós todos já experimentamos limitações, seja no modo como nos movemos, sentimos, pensamos ou percebemos o mundo. Devido aos nossos impedimentos e conseqüentes deficiências, temos sido marginalizados através de atitudes, ações e barreiras na sociedade. Em muitas sociedades, pessoas com deficiência têm se organizado em fortes grupos de pressão que lutam contra este tipo de marginalização e em favor de direitos e de independência para as pessoas com deficiência, independência mesmo dos familiares que são seus cuidadores. Mas um dos maiores desafios de muitos cuidadores é manter viva a voz dos que não têm voz, uma vez que as pessoas das quais cuidam, muitas vezes, podem ser tão profundas e múltiplas deficiências que elas somente são compreendidas na profundidade da relação amorosa do cuidado. (Rede Ecumênica em Defesa das Pessoas com Deficiência, 2005, p.09)

Visto desta forma, os princípios para o desenvolvimento das pessoas com deficiência são os mesmos aplicados aos demais seres humanos, ou seja, a palavra de ordem é cuidado. No que se refere ao processo de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano, esta abordagem afirma que "o processo principal que caracteriza o desenvolvimento psíquico de uma pessoa é um processo específico de apropriação das aquisições do desenvolvimento das gerações humanas precedentes". (LEONTIEV, 1978, p.323). Mas estes conhecimentos não se



fixam morfologicamente e não se transmitem por hereditariedade.

Sendo assim, o ser humano não deve ser estudado como um indivíduo isolado, mas como alguém que possui um desenvolvimento relacionado a múltiplos fatores, os quais são estabelecidos por fatores econômicos, políticos, sociais e culturais, presentes e combinados ao longo do processo histórico.

Neste modelo, a linguagem é indispensável no processo de apropriação da experiência acumulada historicamente pela humanidade, sem o qual não pode ocorrer a atualização histórica do ser humano, pois:

... sem atividade coletiva não há conhecimento, nem linguagem, nem simbolismo possível. Se, pois, a emoção ritualizada desempenha sem dúvida um papel no advento da atividade simbólica, se ela parece ter antecedido as manifestações mais decisivas da vida e da alma coletiva, é preciso reconhecer nela um intermediário necessário entre o automatismo e o conhecimento. (WALLON, 1995, p.102)

O ponto de partida do entendimento a respeito da educação das pessoas com deficiência deve estar assentado no pressuposto de que a deficiência "... por si só não decide o destino da personalidade, senão as conseqüências sociais e sua realização sócio-psicológica". (VIGOTSKI, 1997, p.29)

Na atualidade vive-se um momento de transição de paradigma, em que se busca garantir melhores condições de vida para as pessoas com deficiência. Essa ebulição das ideias inclusivas propõe a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações nos ambientes físicos e na mentalidade do ser humano no que se refere indistintamente a todas as pessoas, assim como das pessoas com deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O abalo nos alicerces da modernidade, ou seja, a contestação da racionalidade, das certezas, da ciência positiva, bem como dos paradigmas universais, trouxe o ser humano para um novo momento histórico, caracterizado primordialmente pela refutação ao anterior. Neste mundo pós-moderno as afirmações definitivas e absolutas não acham guarida. Vive-se num imenso complexo de possibilidades, podendo todos, aparentemente, gozar do mesmo espaço, ser considerados igualmente bons.

À sociedade impõe-se um estereótipo do ser humano, sem levar em conta que todos são diferentes entre si, não existindo ninguém igual ao outro. Até mesmo gêmeos univitelinos têm



diferenças. Sendo assim, entende-se que as pessoas com deficiência têm seu lugar na sociedade e devem ser respeitadas como seres humanos.

Neste viés, falar em inclusão social não é simplesmente falar em igualdade de direitos, mas em respeito à diversidade, ou seja, em respeito à diferença. Cidadania, então, envolve e define o direito de ser diferente, por mais marcante que essa diferença possa ser, como afirma Boaventura: “Temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza.” (SANTOS, 1999, p.44)

Pode-se através de Vigotski (1989) tirar algumas ideias que ajudam a compreender tudo isso. A primeira diz que o aprendizado é produzido socialmente, ou seja, o aprendizado se dá nas interações sociais; portanto, o processo de significação do sujeito é produzido no contexto social. Isso quer dizer que não é o sujeito que internaliza passivamente o que a sociedade produz, mas ele lança sentidos sobre o que a sociedade produz nesse processo de internalização. Esse é um elemento importante, pois logo quando ele internaliza, está aprendendo, e esse aprendizado, que é uma apropriação daquilo que a sociedade produz, faz com que ele chegue a um processo de desenvolvimento cada vez mais elaborado. E isto é percebido como? O ser humano de hoje, intelectualmente, é o mesmo que o de séculos atrás?

Do ponto de vista biológico, a origem desse homem é quase idêntica, mas no ponto de vista cultural, cada geração vai se apropriando do que a anterior produziu e faz com que cada novo ciclo geracional se desenvolva e transforme-se.

A teologia precisa mostrar que o desafio colocado pelas pessoas com deficiência ocorre porque eles têm algo a ensinar. As pessoas com deficiência ensinam a todos. Ensinam solidariedade, confiança. Paralelamente, tem-se muito a aprender com as pessoas com deficiência, pois não se pode esquecer que todos os seres humanos são portadores de limitações. As limitações constituem parte integrante da condição humana. Isso mostra que não se pode olhar com sentimento de superioridade para qualquer que seja a pessoa, pois num certo sentido, todos os seres humanos convivem com limitações. Todos são, de uma forma ou de outra, pessoas com deficiência.



REFERÊNCIAS

- AQUINO, Rubim Santos Leão. *História das Sociedades. Das sociedades Modernas às Sociedades Atuais*. Rubim Santos leão de Aquino... et [et al]. 36ª edição. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1987.
- BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. In: BIANCHETTI, L. e FREIRE, I. M. *Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania*. Campinas/Sp: Papirus, 1998.
- Bíblia de Estudo NTLH**. Barueri, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 2005.
- BÍBLIA SAGRADA**. Revisada Almeida. São Paulo, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Série Amarela, **Projeto Escola Viva**, Visão Histórica, Brasília 2000.
- CABRAL, Alexandre Marques. *Heidegger e a destruição da ética*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. Manual editora, 2009.
- DREHER, Martin. *Coleção História da Igreja – A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma* – Vol. 03. São Leopoldo-RS. Sinodal, 1996.
- HUBERMAN, L. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- LEONTIEV, Aléxis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.
- REDE ECUMÊNICA EM DEFESA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. *Uma igreja de todos e para todos: uma declaração teológica provisória*. Tradução de Iara Muller e Wener Ewald. São Paulo. Aste. 2005.
- RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2/01 - Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em www.mec.gov.br . Acesso 17 mar 2006.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A Construção multicultural da igualdade e da diferença*. Oficina do CES nº135, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, jan. 1999.
- SANTOS, Hugo N. *Saúde e ética na ação pastoral de Jesus*. Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia pastoral. Organizado por Lothar Carlos Hock e Thomas Heimann. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. EST/Sinodal. 2008.
- SILVA, Otto Marques da. *A Epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. São Paulo: Ed. CEDAS, 1986.
- SILVEIRA BUENO, J. G. *Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente*. São Paulo: EDUC, 1993.
- VIGOTSKI, L. S. *Fundamentos de Defectologia*. In: *Obras completas*. Tomo V. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.
- VIGOTSKI, Leontiev. - *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. SP, Icone, 1989.
- WALLON, H. *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo : Pioneira, 1967.



-WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *Caminhos da graça: identidade, crescimento e direção nos textos bíblicos*. Viçosa – Minas gerais. Ultimato. 2006.